IDENTIDADE NEGRA: MEMÓRIA E TRADIÇÃO DO QUILOMBO SAMBAQUIM NA CONTEMPORANEIDADE

José Luiz Xavier Filho[1]

RESUMO: O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de campo realizada no quilombo Sambaquim, no município de Cupira – PE. Tem como objetivo apresentar a construção da identidade negra e a história da comunidade relatada sob as teias da memória coletiva, da tradição oral e as manifestações culturais herdadas pelos seus ancestrais. Procuramos entender e transcrever a trajetória social de um grupo que não assumia ser quilombola e que depois da certificação de comunidade remanescente, aliado com a valorização da cor negra, surgem discursos politizados e lutam por mais espaços dentro da conjuntura política municipal. Logo, priorizamos a oralidade do grupo por acreditarmos e defendermos que o melhor método de se conhecer a origem de uma comunidade remanescente quilombola é dando voz a um grupo que há muito tempo foi silenciado pela sociedade, enfatizando assim, uma história sob a ótica negra.

PALAVRAS-CHAVE: Quilombo. Identidade. Oralidade.

QUILOMBO SAMBAUIM

Os quilombos passaram a constituir uma temática nova em consonância com os dias atuais, mudanças essas com suas próprias noções e aplicações, tornando-os em um campo de pesquisa fecundo.

> Essa transformação possibilitou a construção e afirmação da identidade coletiva desses grupos, e também um esforço de entendimento da diversidade histórica do quilombo e das situações atuais, com suas complexidades e diferenciações, aspectos esses que muitas vezes são ignorados em interpretações cristalizadas no mundo erudito (SILVA, 2009, p. 10).

[1] Graduado em História pela Universidade de Pernambuco (UPE), especialista em Ensino de História pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI) e em História e Cultura Afro-Brasileira pelo Instituto Pedagógico de Minas Gerais (IPEMIG), professor de História do quadro efetivo da rede municipal de ensino do município da Lagoa dos Gatos – PE, ID Lattes: http://lattes.cnpq.br/4762429040202808, E-mail: jlxfilho@hotmail.com.

São nesses aspectos que a condição "remanescente de quilombo" enfatiza dois pontos importantes: identidade e território. Elementos que nos fazem refletir sobre a ideia de quilombo na contemporaneidade, pois:

> a situação presente dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos é utilizado para designar um legado, uma herança cultural e material que lhe confere uma referência presencial no sentimento de ser e pertencer a um lugar específico (SCHMITT et al, 2002, p. 4).

A terra, o terreiro, não significa apenas uma dimensão física, mas antes de tudo é um espaço comum, ancestral, de todos que têm registros da história, da experiência pessoal e coletiva do seu povo, enfim, uma instância do trabalho concreto e das vivências do passado e do presente (ANJOS, 2006).

Hoje, os quilombos estão localizados em quase todo o território nacional, principalmente nas áreas rurais. Incorporados às áreas urbanas e periféricas das cidades. Essas comunidades tradicionais caracterizam-se por apresentar diferentes níveis de inserção na sociedade.

> O conceito de comunidade quilombola, portanto, tem origem no campesinato negro, povos de matriz africana que conseguiram ocupar uma terra e obter autonomia política e econômica. Ao quilombo contemporâneo está associada uma interpretação mais ampla, mas que perpetua a ideia de resistência do território étnico capaz de se organizar e reproduzir no espaço geográfico de condições adversas, ao longo do tempo, sua forma particular de viver. [...] As comunidades quilombolas emergiram e apresentam visibilidade no movimento do campesinato brasileiro, em se tratando das políticas afirmativas e de reparação social (ANJOS, 2006, p. 52).

Nesse contexto contemporâneo, Cupira preserva ainda uma região de descendentes dos quilombos, o Quilombo Sambaquim, no Sítio que leva o mesmo nome do quilombo. Essa comunidade constitui um quilombo contemporâneo, que não representa mais um espaço de fuga, estrategicamente isolado.

> É necessário que nos libertemos da definição arqueológica, da definição histórica stricto sensu e das outras definições que estão frigorificadas e funcionam como uma camisa de força, ou seja, da definição jurídica dos períodos colonial e imperial e até daquela que a

> legislação republicana não produziu, por achar que tinha encerrado o problema com a abolição da escravatura, e que ficou no desvão das entrelinhas dos textos jurídicos. A relativização dessa força do inconsciente coletivo nos conduz ao repertório de práticas e às autodefinições dos agentes sociais que viveram e construíram essas situações hoje designadas como quilombo (ALMEIDA, 2002, p. 63).

Sob o viés historiográfico é possível perceber, hoje, que as comunidades remanescentes quilombolas não permaneceram estáveis com o passar do tempo. Elas mudaram conforme a dinâmica da história, isto é, não são apenas terras de negros fugidos dos tempos coloniais.

Nossa pesquisa não se limita a tratar e definir o Quilombo Sambaquim se baseando apenas em conceitos e definições, e sim, procurando questionar e entender como foi construída a ideia de quilombo e de ser quilombola através de seus aspectos culturais, estes, entendemos, que formam sua identidade como comunidade remanescente.

> É preciso pensar nesses grupos como possuidores de articulações sociopolíticas e econômicas próprias e não de forma teatralizada, como se fosse possível criar um estereótipo daquilo que se espera que sejam, como se estivessem emolduradas em um tempo e espaço que não se modificaram desde a escravidão. A existência de comunidades quilombolas, na acepção contemporânea do termo, está indissociavelmente ligada ao processo de integração social desses sujeitos. Ela rompe com a possibilidade de manutenção da percepção estática tradicional na qual os quilombolas continuariam sendo considerados como grupos de ex-escravos que se refugiavam e se organizavam no sentido de reagirem e se rebelarem contra o regime ao qual estavam submetidos (SANTOS; DOULA, 2008, p. 73).

Apesar de terem resistido à exclusão histórica, acentuando a importância da diversidade em nosso país, os quilombos ainda enfrentam a desigualdade instalada na sociedade e os preconceitos dela derivados. Alguns dos quilombos são chamados de:

> Comunidades negras tradicionais, mocambos, comunidades negras rurais, quilombos contemporâneos, comunidades quilombolas ou terras de preto, pertencem finalmente a si mesmos, e conformam um patrimônio territorial e cultural inestimáveis (ANJOS, 2006, p. 67).

As comunidades remanescentes quilombolas guardam memórias específicas que ajudam a contar outra história do Brasil, uma história, onde as ditas "minorias", ocupam o lugar de sujeitos protagonistas e não de meros colaboradores. Nesse processo, a identidade é peça chave no resgate da história e memória dessas comunidades. Ao mesmo tempo, servem de meio para uma politização em busca de direitos sociais que foram historicamente negados a esses grupos.

Para maior compreensão dos estudos sobre comunidades quilombolas contemporâneas, é necessário desvincular-se da ideia do passado, abrindo uma nova concepção de comunidade e de suas relações sociais. Apropriar-se da ideia de que são espaços voltados para uma questão de identidade e territorialidade, os quais remetem à valorização de suas tradições e histórias relevantes para a consolidação da comunidade negra ali estabelecida. Nas palavras de Anjos, pensar:

> Em um conceito de quilombo mais amplo na atualidade, como um segmento da sociedade brasileira excluído secular e historicamente, que tem direitos e garantias territoriais reconhecidos, porém ignorados. Negar a importância da população de ascendência africana é, na verdade, negar a verdadeira identidade brasileira (Idem, 2006, p. 75).

No quilombo Sambaquim é através das manifestações e expressões culturais (festas e ritos religiosos, músicas e danças) que os quilombolas lutam por um espaço e resistem à tentativa de ter a sua cultura considerada subalterna e periférica. A partir dessas manifestações, os indivíduos passam a se identificar com suas tradições, valorizando suas origens. As identidades são contestadas a partir de um novo olhar, não confirmando o caráter de subalternidade, de modo construtivo no processo de formação dessa identidade.

> As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões "quem nós somos" ou "de onde nós viemos", mas muito mais com as questões "quem nós podemos nos tornar". "como nós temos sido representados" e "como

> essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios" (HALL, 2003, p. 109).

Ao pensarmos sobre o processo da formação da identidade quilombola, levamos em consideração que existem esferas individuais e sociais conectadas, que se constroem no cotidiano da comunidade. Sendo assim, a história, a tradição, a oralidade, a cultura e o sentimento de pertencimento a um determinado grupo social fazem parte da construção identitária de cada membro da comunidade.

> Significa pensar em grupos sociais cuja identidade se constrói em um processo dinâmico, na união de fatores diversos: história cultura e relações de poder. É pensar em atores sociais detentores de discursos múltiplos que se constroem como sujeitos em suas relações com seus pares e com o universo externo às comunidades em que vivem. Ignorar as diferenças e peculiaridades desses sujeitos, certamente apresenta-se com um fator negativo para a construção de sua identidade (SANTOS; DOULA, 2008, p. 82).

Com isso refletimos na importância do processo de construção da identidade negra nas comunidades quilombolas. O estudo do cotidiano, das memórias e das tradições orais da comunidade nos possibilita estudar as mais diversas relações sociais do quilombo e nas formas como as questões culturais se moldaram através do tempo até os dias atuais.

IDENTIDADE NEGRA NO QUILOMBO SAMBAQUIM

As relações sociais entre os indivíduos podem ser vistas como uma contínua tentativa de se adaptar à maneira que seguem seu curso de vida, e, simultaneamente, com a de outras pessoas resultando em constantes modificações, transformações e atribuindo uma ordem significativa entre suas experiências e as construções identitárias. Cada indivíduo desenvolve um conhecimento construído de si mesmo e dele com o mundo, isto é, seus conceitos, ideias, crenças em consonância com o seu tempo e o meio em que vive. É nesse ambiente que surgem os processos e construções da identidade cultural do homem.

> Tanto indivíduo quanto suas concepções de realidade são constituídas nas relações interpessoais. Essas inter-relações são mediadas por crenças, padrões, práticas e normas de toda uma sociedade e esta, por sua vez, em parte, é constituída por esse mesmo indivíduo dela participante, em um processo contínuo e dinâmico de mútua construção, cuja direção não é casual, mas determinada pelo somatório das ações políticas de todos os indivíduos que a constituem. Ainda, a sociedade e seus participantes encontram-se inseridos em uma cultura maior, desenvolvida historicamente (FERREIRA, 2009, p. 44).

Assim, em seu conjunto, os indivíduos, em função de suas concepções de realidade, desenvolvem uma sociedade e cultura específicas nas quais se inserem, sendo, concomitantemente, seu mundo simbólico por elas constituído, formando uma estrutura orgânica na qual todo e partes influenciam-se mutuamente, submetidos a um duplo movimento: o de manter uma certa estabilidade ao longo do tempo e o de prover transformações na própria estrutura. Portanto, "Identidades são, assim, pontos de ligação temporária. […] Elas são o resultado de uma articulação bem-sucedida ou 'encadeamento' do sujeito no fluxo do discurso" (HALL, 2014, p. 104).

Acrescentamos ainda que, segundo Hall (2014), as identidades são um conjunto de ações, reações e modificações, de acordo com a historicidade de cada indivíduo, pois está em constante transformação. Nesse sentido, Boaventura de Sousa Santos (2002) descreve a identidade como múltipla, inacabada, em constante processo de reconstrução, enfim, uma identificação em curso.

Stuart Hall (2014) conceitua diferentes tipos de identidade a partir da construção de sujeitos em diferentes tempos históricos, enumerando três concepções: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

Em sua primeira construção, o autor enfatiza a construção de um sujeito egocêntrico, visto que, os iluministas, estavam centrando em torno da figura humana a razão, consciência de ação, valorização do raciocínio e da ciência. Logo, o "eu" era a identidade cultural do indivíduo. Na sua segunda concepção, *sujeito sociológico*, prevalece a dualidade do sujeito: sua mentalidade e o meio em que ele vive. Agora, o homem estava inserido em um mundo moderno, e junto com a modernidade, o convívio

com pessoas diferentes e de ideias diferentes. A identidade é formada na interação entre o "eu" e a sociedade.

> A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior"— entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 2014, p. 11).

Em sua terceira concepção, sujeito pós-moderno, Hall conceitua como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. Ela é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados. Logo, o sujeito pós-moderno se caracteriza pela mudança, pela diferença, pela inconstância, e as identidades permanecem abertas. São identidades definidas pelo caráter histórico e não biológico, porque os sujeitos são constantemente bombardeados por culturas e identidades e momentos diferentes.

É a partir desse contexto, que inserimos a ideia da construção da identidade negra em Sambaquim. O espaço de pertencimento para o sujeito quilombola, mesmo que sua referência histórica seja uma jornada opressora de um passado colonial, será marcado também por um conjunto de significados entrelaçados pelo presente.

> As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões 'quem nós somos' ou 'de onde nós viemos', mas muito mais com as questões 'quem nós podemos nos tornar', 'como nós temos sido representados' e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios. (HALL, 2003, p. 109).

Assim, não podemos falar de um sujeito quilombola único, a identidade se forma coletivamente, isto é, de um cruzamento de significados, pois resulta da intersecção de diversas faces de sua história e de seu presente.

> Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros no mundo moderno e, diga-se de passagem, muito apegado a uma história pós-colonial (GOMES, 2003, p. 43).

O sujeito assume identidades diferentes e em diferentes momentos. Dentro de cada homem há inúmeras identidades que não estão unificadas ao redor de um "eu" coerente. Existem contradições que nos empurram para diferentes direções, de tal modo que as identificações são continuamente deslocadas (Hall, 2014). Se tivéssemos analisado os quilombolas a procura de uma identidade unificada desde o seu nascimento, estaríamos construindo uma cômoda história sobre eles mesmos, como seres históricos sem dinamicidade. A partir do momento que passamos a conviver mais dentro da comunidade, fomos confrontados com uma multiplicidade cultural identitária, tanto individual quanto coletiva.

> Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserido qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (Idem, 2014, p. 12-13).

A identidade é construída a partir do reconhecimento de alguma origem em comum, ou de características que são partilhadas com o grupo, ou ainda a partir de um

mesmo ideal. A partir desse fundamento é que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão. Discutir o conceito de identidade negra no quilombo Sambaquim, aqui desenvolvido não é, portanto, um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional.

> Isto é, de forma diretamente contrária àquilo que parece ser sua carreira semântica oficial, esta concepção de identidade não assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história. Esta concepção não tem como referência aquele segmento do eu que permanece, sempre e já, "o mesmo", idêntico a si mesmo ao longo do tempo. Ela tampouco se refere, se pensamos agora na questão da identidade cultural, àquele eu coletivo verdadeiro que se esconde dentro de muitos outros eus – mais superficiais ou mais artificialmente impostos – que um povo, com uma história e uma ancestralidade partilhadas mantém em comum. Ou seja, um eu coletivo capaz de estabilizar, fixar ou garantir o pertencimento cultural ou uma "unidade" imutável que se sobrepõe a todas as outras diferenças – supostamente superficiais. [...] As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2014, p. 108).

As identidades estabelecem uma conexão entre o presente na comunidade e da origem de um passado histórico em comum com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Isso ficou evidente durante nossas entrevistas e nas relações sociais cotidianas da comunidade. Em contrapartida, a autoatribuição em se dizer quilombola, nos pareceu serem atribuídas e construídas por mediadores, pois as respostas adquiridas, quando questionamos "***o que é quilombo?***", eram quase as mesmas, uma repetição do conceito e alguns não sabiam responder.

Através das falas dos nossos entrevistados, entendemos que os mediadores, possivelmente, foram os que trabalharam na comunidade durante o processo de titulação em 2005, pois esses, segundo os moradores, esclareceram para eles o que era quilombo. Nessa ótica, não podemos afirmar com exatidão quando começou especificamente a discussão no quilombo, mas, através dos diálogos, o termo "ser quilombola" começa a ser usado após a fundação da ACORQ, estabelecendo uma relação com um dos papeis

assumidos pela Associação: representar a comunidade nas questões sociais relativas ao quilombo e as atividades culturais e do campo.

O resultado das nossas entrevistas evidencia uma construção identitária recente sobre ser quilombola. Esse discurso é novo na comunidade, ganhando força a partir da certificação. Mesmo assim, existe uma consciência e um conhecimento sobre sua origem histórica, fato comprovado na fala dos moradores que é justificada por uma ancestralidade comum: descendentes de escravos. A mediação se torna perceptível porque os entrevistados tomam como referência a titulação. Em outras palavras, eles sabem que são quilombolas desde que nasceram, mas só se sentiram quilombolas depois de um documento oficial.

Com base nos testemunhos orais do grupo construímos essa análise sobre a identidade negra em Sambaquim e como eles atualizaram esse conceito. A revalorização da cor passou a ser o símbolo da luta e tem evocado uma nova percepção sobre eles mesmo e nos processos identitários. Hoje, após a certificação, a comunidade começou a se politizar e a buscar melhorias para quilombo.

A identidade negra no quilombo Sambaquim de hoje, como foi discutida no ponto anterior, se tornou essa realidade da qual se fala tanto, mas sem definir no fundo o que ela é ou em que ela consiste. A identidade objetiva apresentada através das características culturais, linguísticas é confundida com a identidade subjetiva, que é a maneira como o próprio grupo se define ou é definido pela sociedade.

> Tomar consciência histórica da resistência cultural e da importância de sua participação na cultura brasileira atual é o que importa e deveria fazer parte do processo de busca da identidade negra por parte da elite politizada. Mas basear busca e construção de sua identidade na "atualmente" dita cultura negra é problemático, pois em nível vivido outros segmentos da população brasileira poderiam lançar mão da mesma cultura e nem todos os negros que no plano da retórica "cantam" a cultura negra a vivem exclusiva e separadamente dentro do contexto brasileiro, assim como não existem brancos vivendo exclusiva e separadamente a cultura dita branca (MUNANGA, 2012, p. 17).

Essa breve discussão evidencia não só os conceitos e a ressemantização do termo quilombo dentro da comunidade através das lutas e conquistas históricas. Mas de um povo que há muito estiveram excluídos das políticas públicas. Sambaquim, como comunidade remanescente de quilombo, permanece nas mesmas terras de origem ganhando visibilidade não apenas como terra de descendentes de escravos, mas principalmente como protagonistas da sua própria história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após algumas páginas escritas sobre nossas pesquisas de campo, estas, embasadas nos registros orais e histórias em comum de uma memória coletiva dentro da comunidade, apresentamos um breve relato sobre a história e construção da identidade negra no Quilombo Sambaquim.

Estivemos inúmeras vezes dentro da comunidade, conhecendo o número máximo de moradores possíveis e compartilhando, junto deles, de cada conversa e história contada, algumas em formas de entrevistas, as quais foram úteis para o desenvolvimento dessa dissertação, outras, de formas esporádicas que serviram para ganhar a amizade e confiança dos membros, que, a priori, tiveram uma leve resistência em conversar conosco, pois, não éramos os primeiros a pesquisar dentro da comunidade, e segundo eles, não trouxeram "*nada de volta*" a ela.

Acreditamos que esses diálogos foram fundamentais para os objetivos que aqui foram propostos, visto que a fonte oral é a base desse trabalho, a interação *pesquisador* e *quilombola*, nos deu subsídios para traçarmos e tecermos o plano metodológico que apresentamos. Essa estratégia foi necessária no sentindo de que nos ajudaram na investigação e coleta dos dados que queríamos, entender como se deu o processo da construção da identidade negra do quilombo.

Especificamente, em Sambaquim, o reconhecimento de *ser quilombola* se tornou mais evidente dentro do grupo depois do reconhecimento de comunidade remanescente de quilombos. A titulação, para eles, é o marco de que de fato eles são quilombolas, como se a documentação trouxesse a oficialização. Mesmo eles trazendo consigo, em

suas memórias, os ensinamentos deixados pelos seus ancestrais, a certeza de ser quilombola não estava ligada a terra herdada ou apenas a cor da pele, eles precisavam de algo documentado que provasse.

Logo após essa construção identitária, a comunidade passou a valorizar mais a cor, e a não se ver tão inferiorizada. Aprendeu a valorizar mais suas raízes, perpetuou as histórias contadas pelos seu ancestrais e luta para deixar viva suas manifestações culturais. Trata-se de uma história que deve ser compreendida através de um novo olhar, o quilombola como protagonista.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. W. B. de. Os quilombos e as novas etnias. In: E. C. O'Dwyer. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade.** São Paulo: ABA/FGV, 2002.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. **Quilombolas.** Tradições e cultura da resistência. São Paulo: Aori Comunicação, 2006.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente:** identidade em construção. São Paulo: EDUC, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. In: **Educ. Pesq.** São Paulo, v. 29, n. 1, jan./jun. 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultual na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.

HALL, Stuart. **Da Diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In*:* SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude:** usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SANTOS, Alexandre; DOULA, Sheila Maria. Políticas públicas e quilombolas: questões para debate e desafio à prática extensionista. **Revista Extensão Rural**, DEAER/PGExR – CCR – UFSM, ano XV, n. 16, jul./dez 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237-280, Out. 2002.

SILVA, Conceição; MORAES, Silvânia. O conceito de quilombo e a (re)construção de identidades e espacialidades negras. **Revista Interdisciplinar**, 2009.